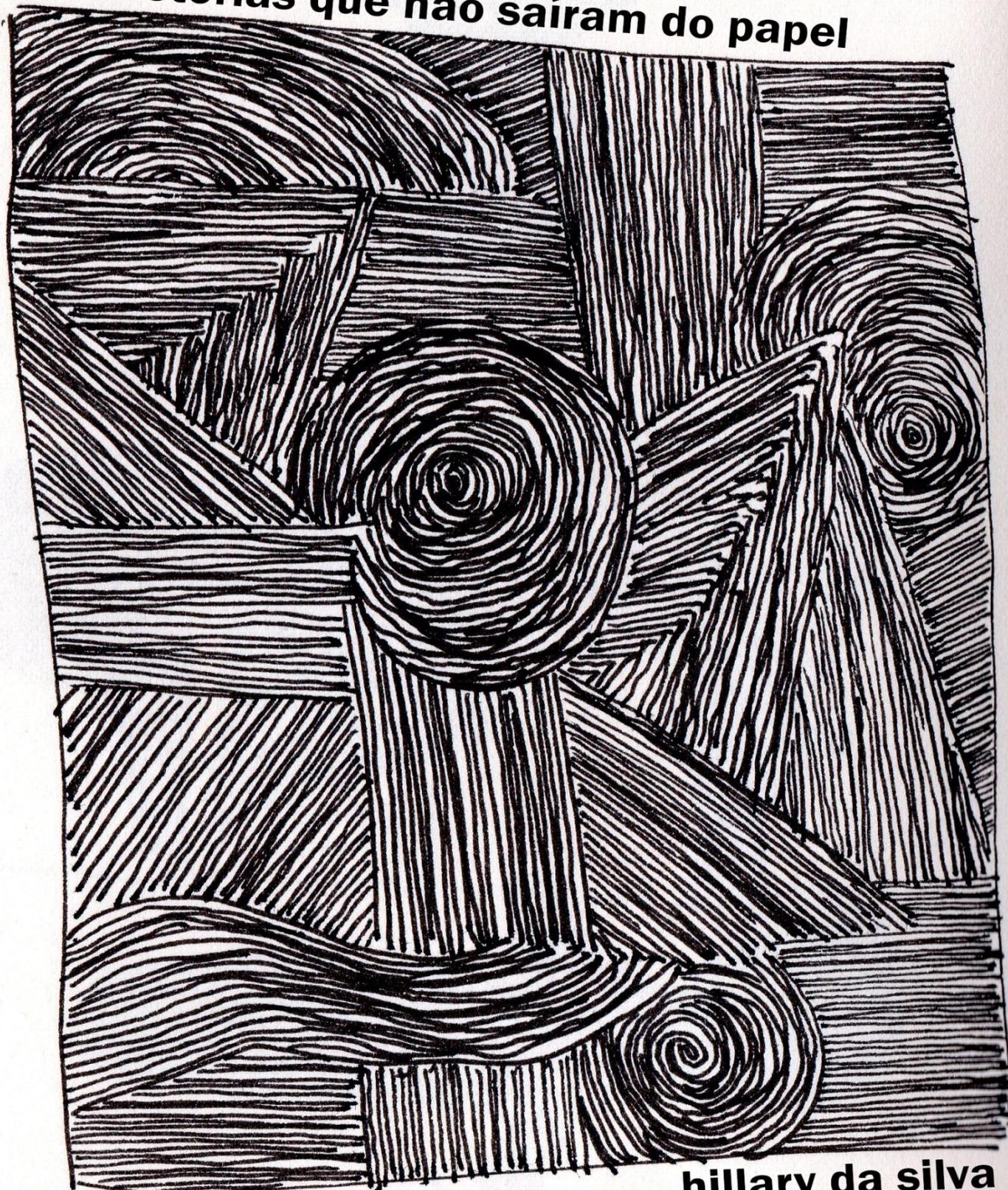


# me conta outra

histórias que não saíram do papel



hillary da silva

# ME CONTA OUTRA

histórias que não saíram do papel

HILLARY DA SILVA

Portfólio literário desenvolvido para a disciplina de Escrita Criativa do curso Cinema (UFSC), ministrado por Márcio Markendorf.

Capa: ilustração “*linhas em nanquim*” por Hillary da Silva

Ilustrações: “Da série – linhas feias e cansadas”

por Hillary da Silva

*Novembro de 2015*

## SUMÁRIO

### Apresentação

|  |    |
|--|----|
| Um homem em conflito                                 | 6  |
| Dona Solange, a senhora pode dizer por que fez isso? | 8  |
| Epifanias que surgem ao avistar uma freira na rua    | 10 |
| Querida  | 11 |
| Salto quinze   | 13 |
| Narcisa  | 15 |
| Psicanálise gone wrong                               | 16 |
| O habilidoso falsário                                | 17 |
| Minha morte não me quis                              | 19 |
| Transa   | 21 |
| Quatro Quatro Cinco                                  | 22 |

## APRESENTAÇÃO

Tudo começou em agosto do presente ano. Meu coração queria sair pela boca ao pensar em escrever qualquer coisa que fosse. Sei que sou terrível nisso e confesso que ainda permaneço sob a mesma reflexão. Mas minha teoria é a seguinte: eu sofro de um problema muito comum, algo que todos os seres humanos sofrem – a maldição milenar de não conseguir transferir para o papel as ideias.

Ah, quem me dera poder controlar a paciência e o tempo, de modo que eu conseguisse sentar em uma cadeira, me resvalar sobre uma mesa, esperar um insight maravilhoso e me deleitar escrevendo coisas maravilhosas, diante de um cérebro híper capacitado e ativo.

Acho que acabei caprichando mais em minhas ilustrações do que no próprio conteúdo em si. E novamente, culpo a maldição. Todavia, devo confessar que é um prazer imenso desenhar; gosto das imagens, gosto das linhas e das cores, incluindo o preto no branco.

Creio que deveria ter tentado mais. Mas acho que o resultado de todas as obras foi meu limite. Acredito que não nasci para escrever, talvez só nasci para ler. Vai saber; quem sabe no futuro eu adote essa habilidade.

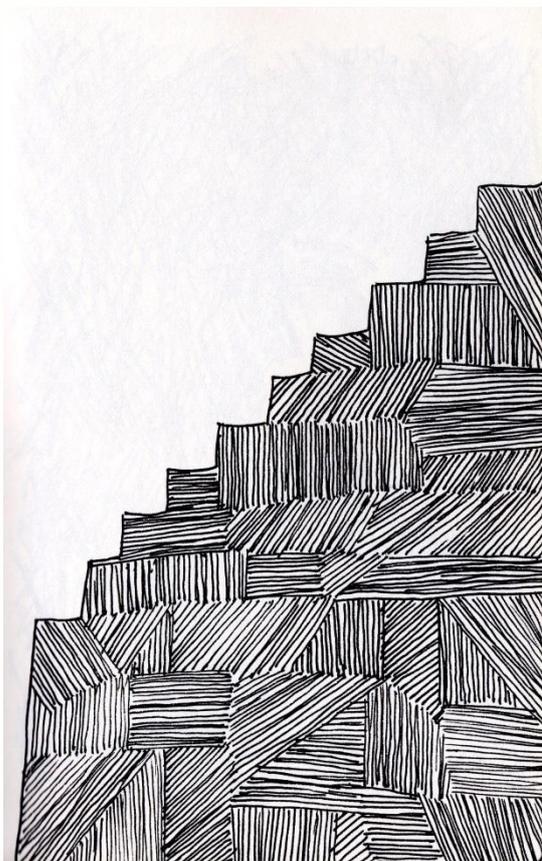
Embora saiba do meu limite criativo para a literatura, a experiência de escrever um conto por semana, foi absolutamente gratificante. Sabendo que havia um compromisso, me forcei a escrever, coisa que não faria normalmente não havendo um motivo.

Minhas histórias provêm do lado mais profano da minha mente; idolatro o absurdo, o censurado e o tabu. Só acho uma pena ter esse bloqueio de elaboração, cuja consequência é não saber colocar em palavras aquilo que gostaria de por.

De todo modo, o resultado poderia ser descrito como um acumulativo de ficções, baseado em alegorias diversas, inspiradas em pensamentos que surgiram de acordo com os temas citados em aula. Não conseguiria descrever de outra forma, pois a maldição faz tornar-se aqui, meu limite de fabricação literária.

*Nós não vemos as coisas como elas são,  
vemos as coisas como nós somos.*

*Anaïs Nin*



Vinte e sete passos até o elevador. Essa é a trajetória da sala do Doutor Tadeu até a saída, acabo de ter a notícia que minha namorada está grávida.

Aperto o botão para descer, percebo que a unha do meu dedo indicador está roída até o sabugo. Sinal de nervosismo. Me pergunto se aparento estar com um semblante de pessoa calma.

Estamos no quarto andar e o elevador não chega, começo a ficar impaciente. Corro os olhos pelo chão, percebo meus pés batendo em um ritmo acelerado. Analiso os pés da futura mamãe, ela está usando uma sandália de couro coberta com pedrinhas brilhosas, sempre detestei o gosto dela para calçados. Subo meus olhos em suas pernas, lembro a primeira vez que a vi: gostosa, com um

vestidinho curto estampado de pequenas flores, as pernas lindas e torneadas de fora. Dois anos depois cá estou eu, um “quase” pai de família.

Ela está com uma cara de boba, não consegue parar de sorrir, fica esfregando a barriga que ainda permanece mais lisa que sabonete durante o banho. Parece uma tortura essa situação, olho para ela e não consigo sentir nada além de raiva e uma agonia que me consome por inteiro. Não queria ter esse filho, não foi assim que planejei minha vida.

Talvez ela pense em abortar ou quem sabe o resultado do exame esteja errado. E se, acidentalmente ela caísse de uma escada e na queda perdesse o bebê?! Porra, agora peguei pesado, preciso pensar em outra coisa. Comida! É comida! Gostaria de um belo prato de macarrão com... Bebês! O quê?! Caralho! Não! Almondêgas! Isso, almondêgas.

A recepcionista acaba de avisar que o elevador emperrou no décimo andar, temos de ir pelas escadas.

Ela vai na frente enquanto eu sigo atrás. Percebo que não há corrimão, acho que estão reformando, tinha um pouco de poeira no chão. Chego no segundo andar, continuo atrás, não a vejo. Que alívio. Um estrondo forte. Meu coração dispara, parece que estou suando frio. Não pode ser. Corro. É ela. Tem sangue.

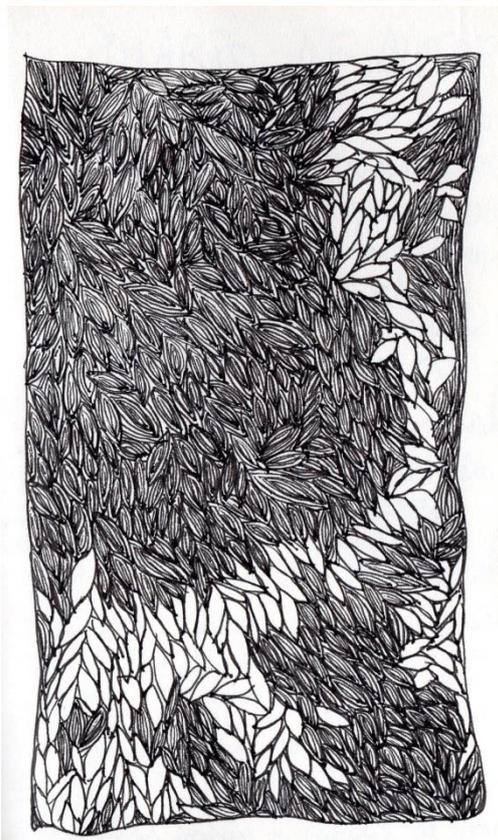
Paro ao seu lado, fico a encarando em pé. E ela lá, jogada às traças, inconsciente. Um braço para cada lado, a perna esquerda formando o número quatro, enquanto a direita fazia um ângulo de noventa graus. Por alguns segundos aquela posição me pareceu um tanto cômica. Ri por dentro. Talvez se eu esperar mais alguns minutos até chamar ajuda, seja o suficiente para que o pequeno feto mal formado perca suas chances na terra e eu possa voltar a viver minha vida sem me preocupar com carrinho, fraldas, limpar cocô e coisas desse universo

infantil. Se isso acontecer, vou deixar passar algumas semanas, romper com ela e permanecer um bom tempo solteiro.

Acho que já se passaram alguns minutos, o que devo fazer agora? Vou cutucar ela para ver se acorda. Merda. Nem se mexeu. Pelo menos tem pulso. Tenho que chamar alguém para me ajudar. Que saco, tenho que subir um vão de escadas, a saída do segundo andar está interditada.

Comunico o ocorrido para a primeira pessoa que vejo em minha frente, acho que aparento estar tranquilo demais, pois não gritei, não estou chorando, muito menos gesticulando de forma desesperada. Um tanto curioso, visto que meia hora atrás, eu estava tendo um acesso de pânico. Preciso mudar minha postura, do contrário vão pensar que eu a empurrei. Dois enfermeiros vieram para prestar socorro, fizeram aqueles procedimentos padrões quando um acidente acontece, a colocaram em uma maca e a levaram para o pronto socorro do hospital mais próximo. Pediram que eu aguardasse na sala de espera. Detesto esperar. Detesto ficar sentado em lugares que não sejam minha casa e somente minha própria casa. Esse ambiente pretensioso de limpeza, essas revistas velhas sobre gente famosa, política e decoração de interiores me dão nos nervos. A televisão ligada e sem volume, as plantas falsas, a recepcionista com cara de bunda que vive lixando a unha... Meu deus! Quero ir embora! Quero informações! Odeio essa coisa que médicos fazem, demoram para dar notícias. Médico filho da puta, minha vida inteira está nas suas mãos, que você por favor me venha com boas novas.

Finalmente me chamam, dou graças a Deus, não aguentava mais olhar para aquela gente com cara de zumbi, sentadas ali esperando a morte. Uma enfermeira me acompanha em um corredor que parece não ter fim, viro a direita, logo a esquerda, depois direita de novo. Vejo um homem de jaleco branco parado em frente a porta, a enfermeira me avisa que aquele era o médico da minha namorada. Meu estômago parece estar dando vários nós, sinto minha garganta ressecada, acho que se eu sorrir agora meus lábios vão grudar na gengiva. Paro na frente dele. Droga, minha mãos estão suadas. Ele estende a mão para um aperto. Odeio cumprimentar alguém quando estou suando, independente da região do corpo. Doutor Alan começa a falar, a princípio não presto atenção em quase nada, explica algo sobre pressão arterial, transfusão de sangue, perda de dois dentes, leve cirurgia nasal... Até que, opa, pera, volta um pouquinho. Repita por favor Doutor, eu acho que não ouvi direito. Não consigo parar de lembrar ele dizendo *“sua namorada perdeu a mobilidade das pernas, acho que vai ser um grande desafio para vocês dois com um bebê a caminho”*.



Dona Solange, a senhora pode dizer por que fez isso?

Ele chegou mais uma vez tarde da noite. Provavelmente vai querer comer galinha ensopada com arroz de forno. Todo santo dia é a mesma coisa, chega bêbado, senta-se à mesa, come a comida, cospe no chão e sempre reclama de algo que não tá bom. Semana passada faltou sal no frango, semana retrasada o arroz estava empapado demais. Quero ver o que me espera hoje.

\*

*Solange, que Diabos você fez com minha bota marrom? Isso aqui por acaso dá pra ser chamado de limpeza? Faz essa merda de novo, e na minha frente. Parece que não sabe fazer nada direito.*

\*

Meu Senhor Jesus, Pai Amado, que me ilumines no dia de hoje, que me protejas. Dai-me forças pra enfrentar esses dias tão difíceis, pois ando tão fraca, tão cansada.

\*

*É, Solange. Tens sorte de ter um marido como eu, que ainda te dá um teto e o que comer, mesmo do jeito que você tá. Essa mulher acabada, velha, que já não é mais como antigamente. Vou te dizer uma coisa, quando me casei com você, te achava linda, era o meu tesouro. Mas aí você cresceu, o peito foi caindo, a cara foi enchendo de ruga... Agora tá aí, parece um maracujá velho. Anda, vai lá cuidar do teu jardim precioso, vai. Vai plantar umas abóboras, aí quem sabe surge também uma fada e te dá um trato.*

\*

Pendurou o cinto no encosto da cadeira e foi pra varanda fumar cachimbo. É o sinal. Eu já sei o que é. Eu também. Não tenho escolha, mesmo morrendo de dor na coluna de tanto lavar roupa no tanque, pra ele não interessa. Se eu não for, ele vem até mim. Lavo minha vagina na pia do banheiro, porque o chuveiro só ele pode usar a noite. E se eu não estiver limpa, ele faz ser pior. Fico nua. Deito no centro da cama e me cubro com a manta. Minha mãe que me deu de presente de casamento. As luzes estão apagadas, somente o abajur permanece aceso, espero ali, de olhos fechados, sempre rezando pra que eu pegue no sono antes de tudo começar.

\*

Cinco horas da manhã. Acordei com um barulho. Olhei pela janela do quarto e vi ele sentado numa cadeira, tomando chimarrão e observando em silêncio um homem pilotar um trator gigantesco, que destruía meu jardim, passando por cima dos girassóis e das violetas que tinha plantado três dias atrás. Ele sabia a importância que aquele cantinho tinha pra mim. Era meu lugar de refúgio, de paz. Era o filho que eu nunca pude cuidar. Eu queria gritar, pedir pra parar, mas eu sabia que não podia fazer nada. E como se ele adivinhasse que eu estava observado, virou-se pra janela e disse em voz alta *“precisava de lugar pra construir uma garagem, esse jardim ocupa muito espaço”*. Lágrimas tomaram conta da superfície do meu rosto, o ódio tomou conta de mim por inteiro.

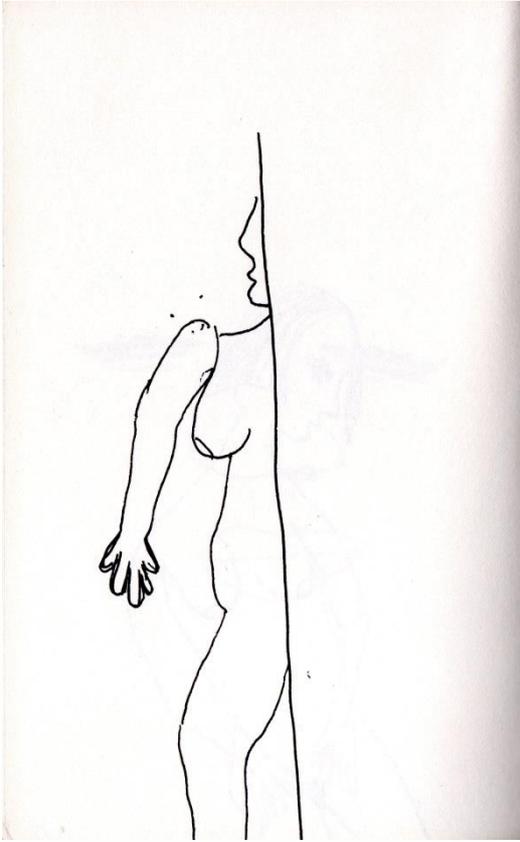
\*

Chegou bêbado de novo. Com cheiro de perfume de mulher. Quebrou mais um copo, pra variar. Se empanturrou de comida e adormeceu no sofá. Homem asqueroso, mal tem todos os dentes agora, o ronco atravessava os espaços vazios da gengiva, formando um som de apito bem agudo. Meu jardim, meu precioso jardim. E agora? O que mais me resta fazer?

Esperava um sinal de Deus, uma luz que indicasse alguma direção. Até que algo me fez caminhar até o rancho. Entre diversas ferramentas, alcancei minha tesoura de jardinagem. Voltei a casa. Parei ao lado dele. Já sabia o que fazer. Quando me aproximei, ele acordou e num impulso muito rápido dei com o cabo da tesoura diretamente em sua cabeça, fazendo-o voltar ao sono novamente.

Era a primeira vez que a casa estava em total silêncio durante a noite. E pra falar a verdade, me incomodava. Decidi então, pôr um velho disco que mantinha guardado da época de minha infância. *“Você pode provar milhões de beijos, mas sei que você vai lembrar de mim, pois sempre que um outro te tocar na hora você pode se entregar, mas não vai me esquecer nem mesmo assim...”*

Fui cuidadosamente desatando o nó dos seus sapatos, desabotoando os botões da calça, puxando-a, removendo o cinto, as meias, a cueca... E num movimento rápido e preciso, um corte, igual fazia em meu jardim.

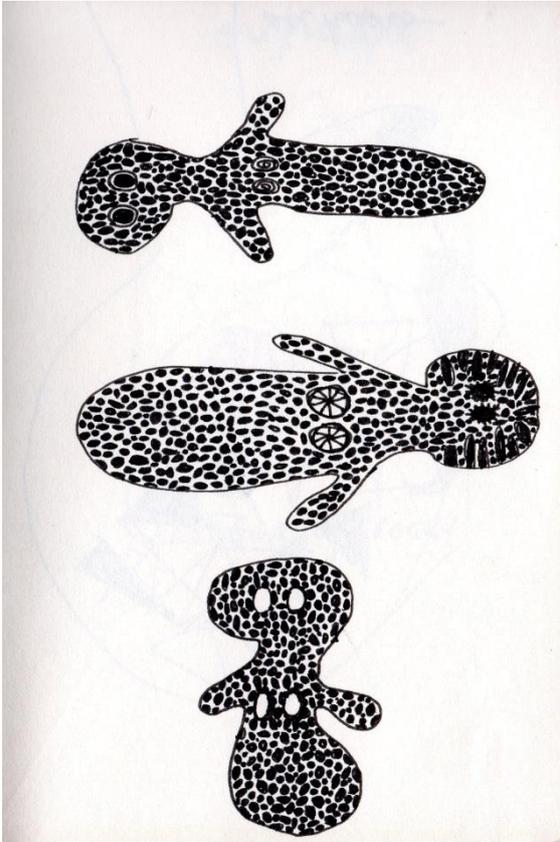


**Epifanias que surgem ao avistar uma  
freira na rua**

Ela poderia ter beijado. Poderia ter dançado. Poderia ter transado. Poderia ter um namorado. Poderia ter estudado. Poderia ter se drogado. Poderia ter se embebedado. Poderia ter se formado. Poderia ter tido um trabalho. Poderia ter se casado. Poderia ter engravidado. Poderia ter seus peitos caídos e mamados. Poderia ter netos que davam trabalho. Poderia morrer de infarto.

Mas ela escolheu ir à missa aos sábados. Escolheu dedicar-se aos Salmos. Escolheu catequese e não saltos. Escolheu não usar maquiagem. Escolheu dizer não a libertinagem. Escolheu o crucifixo a liberdade. Escolheu distribuir sopa aos pobres. Escolheu usar uniforme. Escolheu rezar como prioridade. Escolheu dormir sozinha toda noite. Escolheu a eterna castidade.

*Baseado na obra "New York Pavements" (1924) de Alan Hopper*



Querida,

Espero que tudo esteja correndo bem. Acabo de chegar e não sei como andam as coisas ainda. Mamãe parece cansada e papai até agora não chegou para me ver, mas acho que isso era de se imaginar, você sabe. Tudo parece meio confuso por aqui, não consigo abrir meus olhos, escuto apenas a voz da vovó e passos de pessoas curiosas entrando na sala.

Sabe, eu não sei o que me espera assim que eu puder ver, mas enquanto isso eu tento ao máximo falar o que eu sinto aqui dentro, o problema é que não saem palavras, o resultado é um acumulado de gritos e um choro agonizante, meio afinado e agudo, bem agudo. Até penso que não estou apta para conversar com ninguém, vai entender. Se bem que acho que você é a única que consegue

entender, afinal isso é uma coisa que ainda não resolveu, não é mesmo?!

De qualquer forma, eu só queria lhe dizer que estou muito ansiosa por tudo que me espera. Não vejo a hora de ver os quadros do vovô e imaginar uma porção de histórias dentro das imagens, não se dar por satisfeita e apalpar as camadas de tinta, tomando todo o cuidado para não prejudicar um trabalho tão delicado. Tocar nas famosas esculturas dele, passando os dedos pelos detalhes, sentido a textura da madeira e o cheiro do verniz. Quero experimentar a canjica da vovó, enquanto ouço ela contar que quando era mais nova a vida era muito difícil e ela tinha que vender bonecas de pano em frente de um mercado lá no Mato Grosso do Sul. Quero acordar de manhã cedinho com a voz carinhosa da mamãe me chamado para tomar nescau quentinho, enquanto vejo TV Globinho na televisão sábado de manhã. Não vou me importar de ir para a escolinha a pé. Não vou me importar de almoçar arroz com ovo porque papai vai estar preso e mamãe não vai ter dinheiro suficiente para me dar comida. Não vou precisar de uma boneca Barbie bonita com cabelo loiro e comprido. Não vou precisar de uma casa grande com piscina. Não precisarei de nada, a não ser das memórias que vou adquirir com o passar dos anos. Brincar de elástico, pular corda, montar uma casinha, sabe? Aqueles momentos que você lembra de vez em quando e te fazem chorar de saudade, porque já passaram e provavelmente foram os melhores de toda vida.

Confesso que tenho muito medo das perdas que inevitavelmente vão acontecer. Imagino que deve ter sido muito difícil para você ter dito adeus todas as vezes que alguém foi embora e nunca mais pode ver novamente. Não sei como vou me sentir quando isso acontecer. Deve ser muito ruim. Inconscientemente, penso que quando o momento chegar estarei preparada, mas quem eu estou querendo enganar, ninguém nunca está preparado para se despedir de alguém para sempre. Quem foi mais difícil de ver partir, o vovô, a vovó, seu primeiro amor ou seus dois cachorros?! Acho que todos são equivalentes em seus níveis específicos. Só não reescrevi esta parte porque estou usando caneta. Acho que foi meio insensível da minha parte. Desculpe-me.

Imaginei meu primeiro beijo. Num dia de chuva em pleno verão. Já tenho treze anos. Estou vestindo uma saia plissada com meias três quartos colorida, voltando da escola para casa. O garoto que eu gosto segue o mesmo trajeto que eu e sem nenhuma explicação o tempo transforma-se em câmera lenta, ele corre até minha direção, me olha nos olhos, põe as duas mãos em volta do meu rosto e vai me trazendo lentamente perto dele, até que um beijo meio desajeitado no começo vai se transformando em uma coisa muito maior e indescritível, que palavras não conseguiriam explicar. Eu sei, pareço uma boba romântica, mas é o que eu imagino. Só espero que quando acontecer pelo menos esteja mesmo chovendo.

Odeio cheiro de cigarro, vovô chegou perto de mim agora fedendo a nicotina. Espero que eu nunca tenha esse hábito nojento. Vejo na propaganda aquele homem andando de cavalo e fumando cigarro. Não entendo como alguém consegue colocar aquele negócio na boca; é um odor tão forte que me faz querer espirrar ao mesmo tempo em que meus olhos coçam. O gosto deve ser terrível. Agora, se tem uma coisa que eu gosto é de música. Mamãe colocou uma fita pra tocar esses dias, tinha esse trecho: *“voltamos a viver como há dez anos atrás e a cada hora que passa envelhecemos dez semanas”*. Parece mágica de tão lindo. Eu tento perseguir o som para tentar sentir ele, fazer com que entre dentro de mim e não saia nunca mais. Gostaria de poder vê-lo, deve ser a coisa mais bonita que existe. Talvez tão bonita que por isso é invisível.

Quem sabe o que eu vou ser quando crescer?! Nem eu sei ainda. Talvez eu estude música mesmo, ou me dê por satisfeita aprendendo a tocar violão ou piano, bateria, sei lá. Ser uma artista, fazer arte, não importa se eu ganhar pouco. Não vou me render ao universo dos executivos e possivelmente ganhar rios de dinheiro, viver uma vida estável e pacata num bairro de subúrbio e morrer sem mostrar a todos, ou pelo menos a mim mesma o que eu tenho capacidade de criar. Quero conhecer o mundo, andar pelas ruas de Barcelona, tomar café em Paris, fotografar a estátua de Lenin em Moscou, tomar tequila em Havana, mergulhar nas águas transparentes em Fernando de Noronha, experimentar acarajé da Bahia, ter uma paixão enlouquecedora e chorar aos prantos quando ela chegar ao fim. Preparar uma refeição digna de horas de dedicação, sorrir de alegria quando meu primeiro filho nascer e ele estiver nos meus braços. Quero a vida na palma das minhas mãos e quando eu morrer, ter a liberdade de dizer que o pouco que vivi foi o suficiente para dar-me o troféu de vencedora.

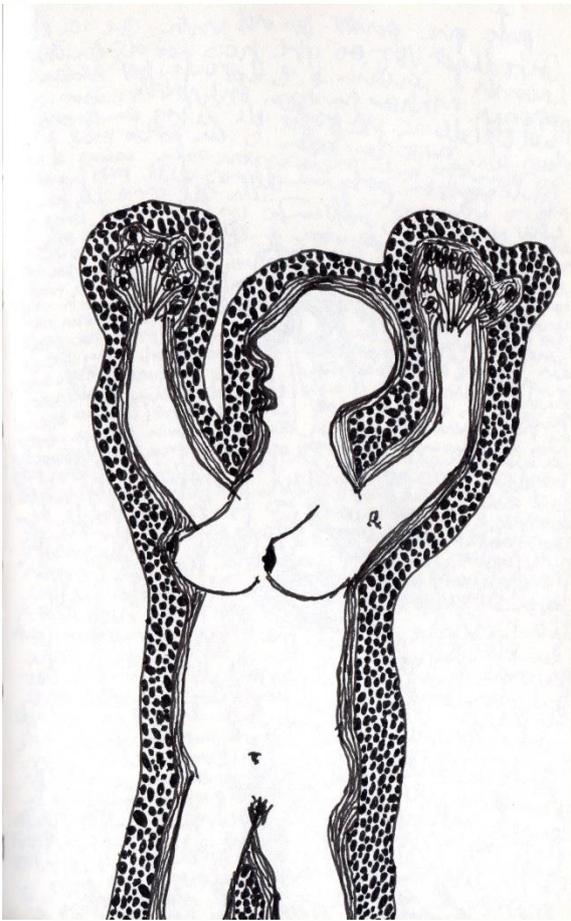
Quanto a você, não se esqueça dessas humildes palavras que escrevo nesta carta, ainda há esperança apesar das inconveniências. Lembre-se da garotinha que via o lado positivo na tristeza das decepções, utilizando um infortúnio como forma de aprendizado, de experiência. Essa garotinha, sou eu, é você, somos nós. Acredito em você, acredito em mim. Não posso crer em nada além disso. Espero de todo coração que quando eu chegar aí não esteja enganada.

Cordialmente,

Eu do início e passado.

Florianópolis, Maternidade Carmela Dutra, 12 de abril de 1993.

## Salto quinze



Sete horas da manhã. O relógio de Ricardo despertara. Abriu os olhos, deu-se de cara com o teto. Aquele teto sujo e cheio de paranho. Deu um tapaço no relógio que o fez cair e espatifar-se no chão. Levantou-se e foi rumo ao banheiro. Como era de costume, foi passar a mão no pau endurecido, pronto para a primeira mijada do dia. Só que algo estava diferente.

O membro símbolo de sua virilidade masculina, corpulento e cheio de veias, não estava em seu devido lugar. Em vez disso havia uma pequena abertura, ou para ser mais direta, uma boceta.

Ricardo deu um belo e gutural grito. Convocou todos os santos que conhecia, amaldiçoou várias filhas das mães que

lembrava e pronunciou todos os palavrões que aprendeu até seus atuais trinta e dois anos.

Olhou-se no espelho. Tonteou. Movimentava os braços diante do reflexo, com a esperança de que a imagem diante dele não fosse a sua. Mas ele sabia que sim. Era sim.

Tirou a roupa às pressas. Um par de seios pequenos, uma barriga cinturada e uma vagina escondida entre uma pequena moita de pelos pubianos. Maças do rosto delineadas, lábios finos e contornados, cílios longos e bem definidos. Ricardo havia se transformado em uma mulher.

O telefone toca. Ele leva um susto, extasiado diante da situação fica sem saber o que fazer. Tem medo de atender a ligação. Alcança o aparelho. Percebe que sua voz está diferente. A pessoa do outro lado da linha pergunta quem está falando. Fica com medo de responder novamente. Desliga. Volta ao espelho e atônito começa a tocar o novo corpo.

Decide ir ao hospital. Algum médico saberia explicar o motivo do acontecido. Nenhuma de suas roupas cabia em sua nova forma. Lembrou-se que semana passada, tinha comido uma garota que havia deixado um par de roupas em sua casa. Colocou um vestido amarelo. Achou estranho o decote em v perto dos seios. Mas era sua única opção. E os sapatos? Seus pés agora calçavam trinta e seis. Procurou em seu armário e achou um par de saltos que sua ex-namorada costumava usar. Não conseguia equilibrar-se direito com aquela plataforma distanciando do chão a planta dos pés, mas não poderia andar na rua descalço.

Ricardo sentia-se desconfortável, paranoico. Não conseguia caminhar direito, tropeçava a cada três pisadas. Tinha a impressão de que todos olhavam para ele, principalmente os homens. De certa forma ele estava certo. Todos o olhavam. Mas por que havia se tornado uma mulher linda e atraente.

Passou por um edifício em construção. Os homens que trabalhavam na obra assobiavam e procuravam chamar sua atenção, jogando cantadas com os mais variados tipos de abordagem. Recebeu várias buzinas de carros que passavam perto dele. Alguns inclusive paravam o veículo próximo, a fim de admirá-lo com mais proximidade.

Já na sala de consultas, começa a explicar ao médico o ocorrido. O profissional o pergunta se havia ingerido algum tipo de droga. Ricardo, desesperado afirma que não. Começa a chorar. Balbuciando que seu dia parecia um pesadelo sem fim. Que só queria o seu tão amado pênis de volta. O médico começa a rir da situação. Explica a ele que era cientificamente impossível alguém transformar-se em outro gênero do dia para a noite. Ricardo, aflito pergunta se não havia qualquer coisa que pudesse fazer. Por fim, o médico em tom despreocupado, diz que provavelmente essas alucinações eram culpa do período pré-menstrual.

Desnortado diante das situações ocorridas, caminha de volta para casa. Os pés cheios de bolhas devido ao salto alto. Quando decide atravessar a rua, seu pé fica preso entre a grade do bueiro. No mesmo momento, o sinal do semáforo abre para o trânsito. Ricardo tenta com dificuldade abrir a fivela do calçado, para que conseguisse retirar o sapato e sair dali. Não houve tempo. De repente um carro o atropela.

Acorda-se no hospital engessado da cintura para baixo. Aos poucos vai adquirindo consciência, até que se relembra dos episódios ocorridos. Percorre as mãos pelo peito. Não havia mais seios. Desliza a mão até a virilha e mesmo mole, lá está. O pacote completo.



Ontem foi espetacular. Acho que nunca gozei tanto. Ela estava linda enquanto me encarava. Os olhos semicerrados, os lábios levemente abertos. Conseguia ver a cara dela de tesão, o bafo que saía da boca. Queria morder, mas não conseguia. Os seios pressionados sobre os meus, os mamilos duros, a pele arrepiada. Somos duas. Somos uma.

Fico esperando o dia acabar, as horas passarem, pra voltar correndo e vê-la. Ficar olhando-a por todo o tempo disponível que eu tiver. Só me canso quando o sono chega, ou quando já estou saturada de gozar. Ela sabe o que me excita. Sabe que eu adoro quando ela enfia o dedo no meu ânus. Quando ela puxa delicadamente os pelos da minha vagina. Quando ela coloca o dedo lá dentro e depois o põe na boca, só pra sentir meu gosto.

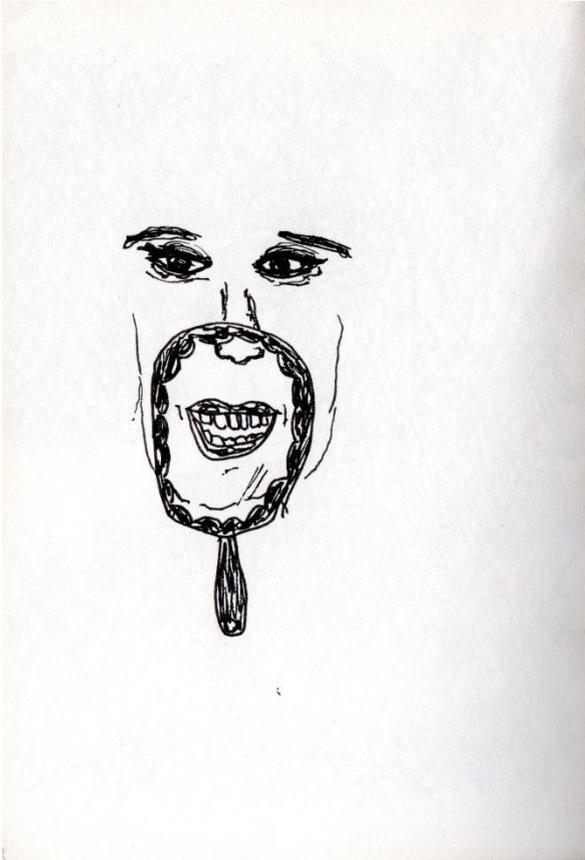
Hoje ela abriu bem minhas pernas e pediu que eu me esfregasse nela até ela dizer chega. Eu não podia tocar em nenhum lugar do seu corpo. Isso me frustrou. Mas eu gozei da mesma forma. Só pude ver a expressão do rosto dela; quando abria os olhos eu também abria, quando fechava eu também fechava.

Ela sou eu.

Tenho um caso de amor com meu próprio reflexo. Amo-me. Desejo-me. Sou a única capaz de provocar meu próprio prazer. O espelho é a cama e a imagem é minha amante.

Todas as noites após o trabalho, volto pra casa, fico nua, vou em direção ao espelho, retiro ele da parede e o coloco no chão. Deito-me em cima dele e enlouqueço. Olho-me nos olhos, vejo o ar saindo da minha boca e embaçando tudo. Consigo ver as pontas dos meus dedos e isso me deixa com mais tesão. Meus seios balançam em sincronia com os movimentos do meu corpo. Deixo tudo sujo, suado, babado e cheio do meu líquido. Depois de completa satisfação, acendo dois cigarros, um é pra mim. Vou para o banho e o levo comigo. Passo a esponja com delicadeza, encho de espuma. Jogo água com cuidado, seco, penduro.

- Até amanhã, eu digo.



## Psicanálise gone wrong

- Bem, eu acho que talvez seu medo de envolver-se romanticamente, esteja associado, possivelmente, com algum trauma de infância. Possui alguma lembrança que deseja compartilhar?

- Teve sim, Doutor, uma coisa que ocorreu quando eu era criança.

- Acho que seria bom para você se desabafasse comigo. Pode contar se quiser.

- Eu tinha uns nove anos, e estava indo em direção à casa da minha prima. Ela morava no mesmo terreno que a avó e sempre andava por lá. A avó dela era viúva, mas vivia com outro cara muito mais novo que ela. Tinha um ar de lenhador, sabe, daqueles que tem bigode e o corpo meio rijo, musculoso. Eu costumava ir a pé até lá, porque era relativamente perto.

Aparentemente, não havia ninguém. Tomei a decisão de entrar mesmo assim; passei por um corredor que dava entrada aos quartos, lembro que a casa era de madeira e muito velha. No lugar de portas, havia cortinas. Naquele dia estava calor, mas uma brisa fresca emanava pela casa. Fui seguindo até o fim do corredor, quando ouvi um barulho vindo de um dos quartos. Parei em frente ao cômodo. Diante da cortina, vi uma silhueta mal formada se movimentando. Até que uma hora, o vento fez com que o tecido a minha frente voasse rapidamente, permitindo eu ver quem estava lá dentro. Foi uma cena relâmpago, de uns dois segundos. Mas foi o suficiente para ver o tal homem retirando a blusa da minha prima, enquanto beijava os seios não formados dela, uma menina com a mesma idade que eu. Ele não me viu, foi tudo muito rápido. Apenas saí correndo. Não consegui entender o que aquilo significava. Só entendia que era algo errado. Não contei isso pra ninguém, até ter idade suficiente pra ter consciência sobre o que aquilo significava. Imagino que nem ela sabia o que era aquilo. Isso me assombrou por muito tempo, não deixava nenhum homem mais velho chegar perto de mim, por medo de que acontecesse comigo.

- E então Doutor? Acha que tem algo a ver?

- ...

- Doutor? Mas o que... Seu tarado, pervertido, filho de uma puta! Você estava se masturbando, enquanto eu contava essa história terrível?! Seu doente desgraçado!

- Vem cá, belezinha. Vem aqui esfregar meu pau.

- Vai se foder, velho nojento do cacete.

- Ei, ei, calma! Isso eu ganhei da minha esposa. Larga isso! Não! Não joga...

- Isso é pra você aprender. Tarado asqueroso.



## O habilidoso falsário

Quando você nasce com um dom, melhor tirar todo proveito dele. Esse é um dos meus muitos mantras pessoais. E sem nenhuma falsa modéstia, sou notadamente singular no talento que me foi concebido. Meu trabalho é pura perfeição e acho que nem Deus muito menos o Diabo discordariam de tal afirmação. Creio que um dos motivos pelo qual possuo tamanha realização, provém de uma criação que me apoiava incondicionalmente. Filho único, de olhos claros e cabelos da cor do sol, recebi carinho e suporte desde meu nascimento até o dia em que resolvi viver minha vida longe de meus pais.

Como havia dito, minha família abraçava qualquer iniciativa que eu resolvia me aventurar. Desde pequeno possuía um interesse muito grande pela arte, particularmente a pintura. Comecei meus primeiros esboços aos quatro anos de idade. Detestava ir à escola, passava maior parte do tempo desenhando em meus cadernos de aula, os professores viviam chamando minha atenção. Não pense que frequentei uma universidade de prestígio e fui um dos melhores da turma, sempre repudiei diplomas e certificados, acho um desperdício utilizar papel de tal forma. Sou um dos poucos privilegiados autodidatas e com muito orgulho. Assim, fui me descobrindo entre rabiscos e pinceladas, até que tomei a iniciativa de tornar isso como profissão.

Aos dezenove anos comecei a produzir minhas primeiras telas para revenda. Criações que beiravam o expressionismo poético, dotado de variadas técnicas e incontáveis camadas. Trabalhos esses que, cautelosamente, levavam de duas a três semanas para serem concluídos. Nessa época, morava num apartamento minúsculo dividido com mais duas pessoas, passava as noites envolvido entre tintas e pincéis e os dias nas feiras exibindo minhas obras tentando vendê-las. Foram três anos de pura miséria, só tinha dinheiro para comprar pão e cigarros, coisa que não podia faltar de jeito nenhum. Nesse período meu trabalho não obteve nenhum reconhecimento, até que felizmente uma oportunidade surgiu.

Era fim de tarde, começava a guardar meus quadros para ir embora, quando um homem parou em minha frente e ficou os observando. Elogiou meu trabalho especificando os detalhes empregados, comparando-os com obras de pintores famosos. Em dado momento, ele aproximou-se de mim e discretamente perguntou-me se eu estaria interessado em produzir uma tela especialmente para ele. Muito interessado na proposta, acenei com a cabeça e perguntei se havia alguma preferência específica. O dito cujo gostaria que eu reproduzisse uma réplica de *A persistência da memória*, de Salvador Dalí. Não consegui evitar, quase subitamente senti uma decepção inconsolável. Disse a ele que não fazia réplicas, respeitava os artistas a tal ponto, de modo que copiar uma obra seria considerado traição à arte. Entretanto,

existem coisas mais importantes que o bom e velho moral: dinheiro. O homem ofereceu uma quantia irrecusável e como eu precisava de grana, aceitei a proposta.

Três semanas depois, a réplica estava concluída. O tal homem era conhecido como *Barão Toulour*, um respeitado dono de diversas galerias de arte espalhadas pela América Central e Europa. Seu talento: descobrir jovens artistas habilidosos o suficiente para falsificar pinturas milionárias. Toulour guardava as verdadeiras obras de arte em uma galeria particular, enquanto as réplicas ficavam em exibição no lugar das originais, detalhe que todos desconhecem, exceto eu e outros falsificadores contratados pelo Barão. E assim iniciou-se minha carreira secreta. Não obtive fama, nem prestígio, coisas que no fim não me acrescentaram em nada.

Tudo que é bom, dura pouco. Com o tempo, meu talento foi espalhando-se e não conseguia mais dar conta dos pedidos. Eram ricas famílias de elite europeia, poderosos traficantes internacionais, até influentes membros políticos. Comecei então a sentir saudade da época em que pintava meus próprios quadros. Decidi sair da facção, e foi aí que entreguei minha própria cabeça. Certo dia, descobri que tinham armado uma emboscada em meu apartamento. Haviam plantado diversas réplicas de quadros que eu nem tinha pintado, coisa que achei uma ofensa – poderiam ter posto minhas próprias obras.

Tive que dar um jeito de sair do país rapidamente. Fugi em um barco que transportava anchovas para outro continente. Fiquei fedendo a peixe por um mês. A máfia de *Toulour* é imensa, um dos capangas dele até me encontrou em Nova Deli. Por sorte consegui fugir.

Não tenho mais milhões no banco, nem mesmo casa própria. Tornei-me um homem sem pátria. Vivo de pintar prédios recém-construídos. Quem diria? Meu talento já não me serve para mais nada.



## Minha morte não me quis

Quarto escuro. Um colchão no chão. Perto da cabeceira, uma caneca azul, cheia até a boca com bitucas de cigarro. Dois gatos: Algodão e Camelo. Em meio a uma pilha de roupas sujas jogadas do lado esquerdo do colchão, dormia Manoela. *Acorda querida, vamos tomar café fora*, diz o pai da menina. Levanta-se com dificuldade, devido aos acontecimentos da noite passada. Passa a mão nos cabelos, precisa lavá-los. Para em frente ao guarda-roupa, desnuda-se. Alcança um vestido que costumava ser de sua mãe. Fica muito grande, mas ela não liga.

Acende um cigarro, caminha em direção à porta e sai. Senta na calçada enquanto vê o caminhão do lixo passar. Entra no carro e põe a mão direita pra fora da janela. *É tão bom sentir o vento passando pela ponta dos dedos. Sinto minha mão leve, como se a*

*gravidade fosse inexistente nesse instante.* Manoela, Manu, Manuzinha, minha Flor de Liz. Era assim que sua mãe costumava chamá-la. Sentados à mesa, não há conversa alguma. Silêncio puro. *Vai querer o quê, bonequinha?*, pergunta a garçonete. *Café*, responde. *Mais alguma coisa, doçura?* Nenhuma palavra. *Quero um café e um sanduíche. Não quer mais nada mesmo, Manu?*, replica o pai. *Não me chama assim*, responde. Ela brinca com as gotas que transbordam pela xícara, na tentativa de criar alguma forma diante daquele líquido marrom escuro. Toma o último gole e sai da mesa sem dizer nada. Apoiá as costas na parede do lado de fora da lanchonete e acende outro cigarro. Termina de fumar e decide voltar a pé.

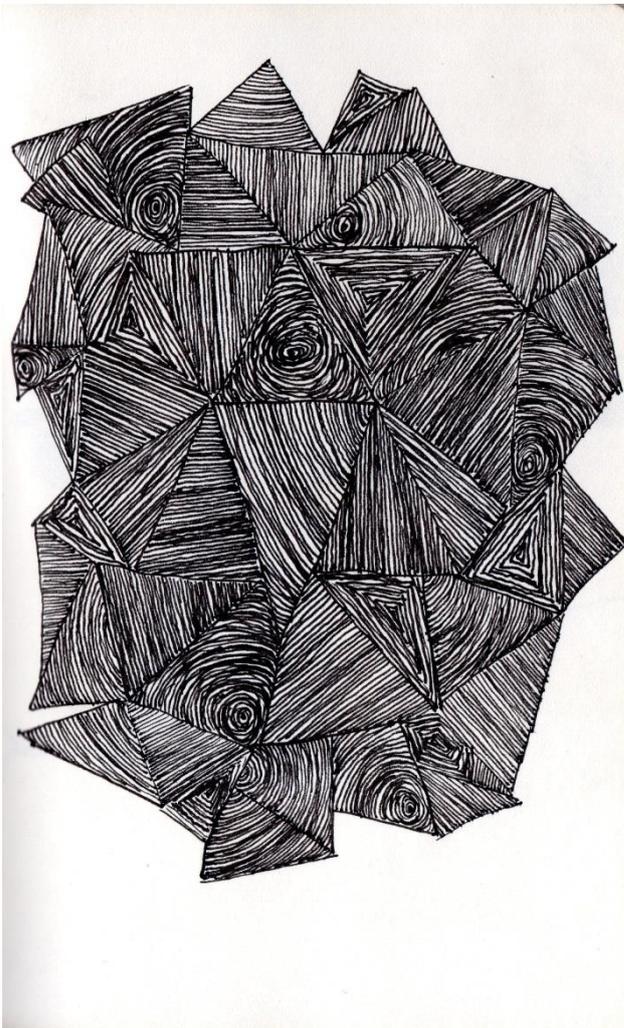
Chegando em casa, vai direto para o quarto. Joga-se no colchão. Camelo aproxima-se sorrateiramente e envolve seu pescoço ao redor dos braços dela. O outro gato, de forma aparentemente complacente, se junta a Manoela. Uma orquestra ronronante começa a ecoar nos ouvidos da menina. Amor de bichano. Sensação de paz. Coloca uma música pra tocar. Aumenta o volume. *“Não me tenho nem me faço, a rota do ano-luz, calculo dentro do passo, minha dor é cicatriz, minha morte não me quis”*. O pai bate na porta. Ela não ouve.

Subitamente, a porta é aberta. *Meu bem, pode baixar esse som, por favor? Os vizinhos vão começar a reclamar. E porque você me deixou sozinho na lanchonete? Era para voltarmos juntos.* Sem expressão alguma, ela olha pra ele. Silêncio. Direciona seu rosto para o teto, esperando o pai sair do quarto. *Não vai falar nada?* Nenhuma palavra. Ele vai embora. Lágrimas começam a surgir, uma atrás da outra, sem parar, até o canal lacrimal ficar obstruído, tornando-se impossível despejar mais uma gota sequer. Lembrou-se da mãe. As noites sentadas no sofá, comendo biscoitos molhados no café, enquanto assistiam à novela das nove. Tem saudade e todo dia pergunta a Deus porque não levaram seu pai no lugar.

Não entendem porque é tão fria com o pai, mas não sabem o que realmente acontece todas as noites. Aquele sorrisinho plácido e a voz suave e tenra, não passam de encenação.

Onze horas da noite. Ela dormia. Em meio ao breu que propagava seu quarto, um barulho desperta a atenção dos gatos, que procuram localizar de onde vem o som. Acorda. De novo não. Sim, de novo sim. Seu pai entra no quarto e sem falar nada, deita-se ao seu lado. Começa acariciando seus cabelos, depois desliza as mãos para os braços, até que por fim alcança os seios. Ela procura se mexer, sair dali. Ele a segura com força, machucando-a. Uma forma de ameaça que não precisa de palavras, com apenas um toque agressivo ele resume tudo que precisaria dizer. Silêncio. Lágrimas. Agonia. Pânico. Trauma.

Acabou. Não tem mais ninguém no quarto além dela e os bichanos. Passa a mão sobre a face molhada. Vai à cozinha tomar água. Acende um cigarro. Abre a gaveta e pega uma faca. A luz noturna e opaca que vem da janela irradia sobre o objeto metálico e pontiagudo, ela vê seu rosto inchado através do reflexo. Caminha silenciosamente em direção ao quarto do pai. Abre a porta vagarosamente, entra no cômodo e para ao lado da cama. Ela o acorda. *Quando encontrar a mamãe, diga que mandei um beijo pra ela.*



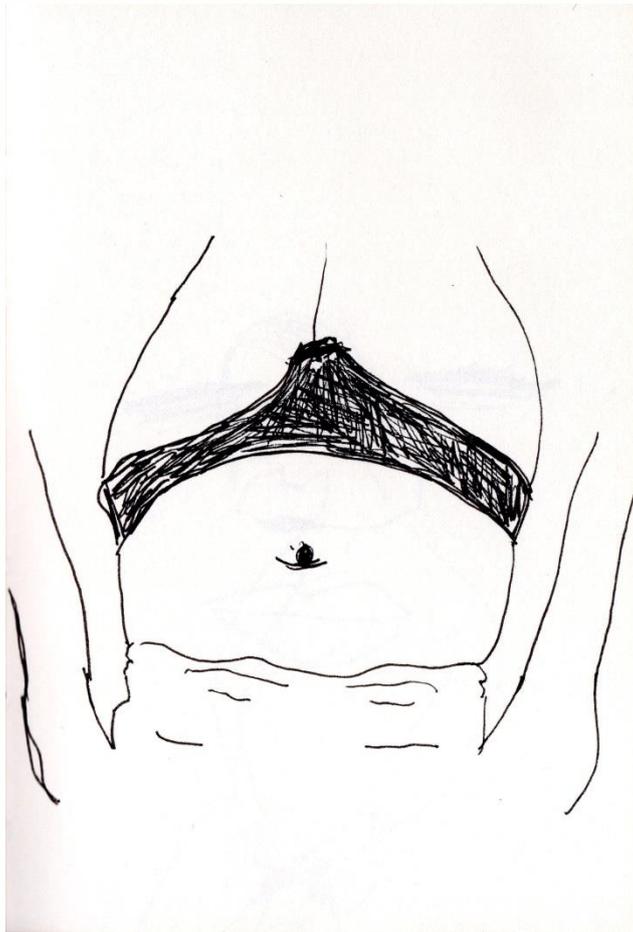
## Transa

Num queimor sedutor  
O elástico tagarela

Injetou o úmido  
no insalubre

Enquanto fumava,  
O lubrificante vesgo  
tomava o barato erótico

E escreveu dentro da camisinha  
Palavras puritanas.



### **Quatro Quatro Cinco**

CENA 1 - INT. QUARTO - DIA

Laura está deitada na cama, mexendo no notebook.

INSERT:

Sob o ponto de vista de Laura, vemos na tela do notebook ela rolando a barra do navegador e lendo comentários que sugerem ser de um blog.

“Maria Eduarda respondeu: Adorei seu último conto! Que bizarro esse final. Morri de medo ao ler sozinha aqui de casa”.

Laura põe o notebook na cama e alcança algo na escrivaninha ao seu lado. Acende algo que parece ser um cigarro de maconha. Acomoda-se no travesseiro e fuma olhando para o teto.

CENA 2 - INT. CAFETERIA - DIA

ROBERTO (sarcástico)

E aí, qual vai ser a ideia para o próximo conto do blog alienígena? Mais uma história envolvendo sexo com óvnis?

LAURA (indiferente)

Não faço ideia. Eu escrevo qualquer coisa. O que importa é que eu continue tendo público. Você sabe muito bem que eu não acredito nessas coisas.

ROBERTO (irônico)

Quanta consideração pelos leitores, hein?!

Laura olha para Roberto, revira os olhos e tome um gole de café.

CENA 3 - INT. COZINHA - NOITE

Laura está sentada na mesa em frente ao notebook, comendo algo que parece ser um tipo de comida instantânea num pote de plástico. Enquanto tenta comer o alimento com uma mão, mexe no computador com a outra.

INSERT V.O

*Que Diabos eu vou escrever agora? Uma coisa tipo Polteirgeist? Nah, é muito manjado. Tá, um conto erótico onde uma mulher trai o marido com um ser de outro espaço? Urgh, ai quer saber?! Foda-se essa merda, vou tomar um banho.*

Laura joga o pote de plástico na pia, fecha o notebook e sai em direção a outro cômodo.

CENA 4 - INT. BANHEIRO - NOITE

Laura está olhando o rosto de perto no espelho, começa a espremer uma espinha próximo ao queixo. Faz cara de dor, quando começa a sair sangue. Vai tirando, peça por peça, suas roupas e segue em direção ao chuveiro.

No momento em que ela pisa os pés no chão do box, um tremor ocorre em todo o apartamento, fazendo com que ela leve um susto e escorregue, batendo com a cabeça no chão e desmaiando.

INSERT: SOB A PERSPECTIVA DA PERSONAGEM

Ainda na mesma posição e local que havia caído, ela enxerga de forma desfocada, um vulto cor de rosa aproximando-se dela.

Pisca os olhos com dificuldade, por um breve momento não consegue os abrir devido à queda.

Quando os abre, dá-se de cara com algo que parece ser uma bunda cor de rosa, próxima ao seu rosto.

Não consegue se mexer, está paralisada.

Analisa o estranho espectro em sua frente. Parece ser algo com formato desconhecido em uma posição um tanto incomum: de cócoras e de costas para ela.

INSERT: V.O

*Definitivamente é uma bunda. Tem um ânus ali. É mesmo uma bunda.*

De repente algo começa a sair de dentro do ânus: um membro que parece ser a cabeça de um pênis. E de dentro do pênis, um dedo.

O dedo começa a descer lentamente em direção ao umbigo de Laura. Penetrando aos poucos.

Não consegue mover-se, a única ação permitida é sua linha de pensamentos internos.

INSERT: V.O

*O que tá acontecendo? Ahhh, que dor! Por que eu não consigo me mexer?*

Vê o dedo saindo de dentro de seu umbigo, coberto com um líquido de aspecto gelatinoso, dando a impressão de ser um tipo de sêmen.

Laura desmaia novamente.

#### CENA 5 - INT. BANHEIRO - DIA

Laura acorda-se. Está na mesma posição que havia caído na noite anterior.

Levanta-se com dificuldade. Examina o ambiente com ar de dúvida.

INSERT: V.O

*Mas que Diabos aconteceu ontem? Que alucinações mais doidas foram aquelas?*

Olha-se no espelho, não nota nada diferente. Sai do banheiro.

#### CENA 6 - INT. BANHEIRO - DIA

Laura sai do chuveiro de toalha. Para em frente ao espelho e desenrola a toalha do corpo. Começa a se observar. Até que seus olhos notam algo estranho: uma pequena protuberância em sua barriga.

INSERT: V.O

*O que é isso? Uma espinha? Mas acho que espinhas não dão na barriga. Isso também não deve ser pelo encravado.*

Laura começa a espremer a tal protuberância e faz cara de dor. Um líquido verde e gosmento sai por uma pequena superfície, mas a pequena bolinha esquisita ainda permanece ali.

Franze o cenho com certa preocupação, logo em seguida ignora.

CENA 7 - INT. QUARTO - DIA

Laura está deitada em sua cama, com o notebook em seu colo, até que o retira de cima e no puxar o aparelho, sua blusa levanta.

Vê que a protuberância ainda continuava ali e havia aumentado o tamanho. Tenta espremer novamente e o mesmo líquido volta a sair. Esboça um ar de preocupação.

CENA 8 - INT. QUARTO - NOITE

Laura está transando com seu namorado. Ambos concentrados no ato sexual. Ele está em cima dela.

FERNANDO

Argh, Caralho! Vou gozar! Vou gozar!

Quando ele aponta o pênis em direção a sua barriga, ele nota algo.

FERNANDO

Que negócio é esse...

Numa mistura de êxtase e expressão de confusão, Fernando goza em cima de Laura e diz:

FERNANDO

... na sua barriga? Porra, Laura.

LAURA (fala com dificuldade)

Não sei.

Fernando a olha com cara de preocupação e nojo ao mesmo tempo.

CENA 9 - INT. BANHEIRO - DIA

Laura está na frente do espelho examinando o caroço. Ele agora está maior do que a última vez que havia visto.

INSERT: FLASHBACK FRAGMENTO DO OCORRIDO NO BANHEIRO, QUANDO DESMAIOU

INSERT: V.O

*Preciso ir ao médico ver que merda é essa.*

CENA 10 - INT. SALA DE CONSULTAS - DIA

O médico analisa a protuberância. Olha e não fala nada. Expressa uma cara de dúvida.

LAURA

O que pode ser isso?

DR. OTAVIANO

Hum. Ainda não sei. Pode ser um lipoma. Mas nunca vi nenhum com essa aparência. Vou ter que fazer uma pequena incisão para tentar identificar a procedência do conteúdo interno.

No momento em que o bisturi chega perto da ferida, o médico trava, seus olhos começam a se arregalar; uma crise de epilepsia acontece. O médico cai no chão e começa a se debater.

De repente, enfia o próprio bisturi em um dos olhos, atravessando o outro lado da cabeça.

CUT TO:

CENA 11 - INT. QUARTO - DIA

Laura está deitada, dormindo em sua cama. Vai acordando-se aos poucos.

INSERT: V.O

*Como é que eu vim parar aqui? Não lembro de ter chegado em casa. Espera. Cacete, que merda aconteceu com o médico?*

Laura alcança o celular.

LAURA

Oi, é da clínica do Dr. Otaviano?

Eu queria saber como ele está.

Aham. Sim. É, eu tive uma consulta com ele ontem e...

Como assim eu não consultei com ele ontem? Eu estive aí...

Ele teve um derrame cerebral ontem antes das consultas e elas foram canceladas?

Hum. Ok. Então. Até. Logo.

LAURA (fala em voz alta)

Que loucura é essa? Eu estive lá, eu vi ele enfiando aquele bisturi no próprio olho! Que porra tá acontecendo?!

CENA 12 - INT. QUARTO - NOITE

O quarto está vazio. Um relógio marca 04h45 da manhã.

CUT TO:

CENA 13 - INT. BANHEIRO - NOITE

Laura de repente acorda-se de cócoras no chão do banheiro, tomando água da privada. Como se acabasse de despertar de uma crise de sonambulismo.

Levanta-se assustada. Num rápido movimento, joga o líquido que pairava na palma de suas mãos e vai lavar-se na pia.

CENA 14 - INT. SALA - NOITE

Diante do susto, Laura perde o sono e começa a andar pela sala de um lado para o outro, esboçando um ar de preocupação.

INSERT: V.O

*Por qual motivo eu estaria bebendo água do privada? E por que eu não lembro de ter ido até o banheiro? Será que... Não, não é possível. Isso não existe. Depois daquele episódio no banheiro, o negócio rosa... Esses acontecimentos estranhos só começaram depois desse dia...*

Laura caminha em direção ao banheiro.

CENA 15 - INT. BANHEIRO - NOITE

Para em frente ao espelho e levanta sua blusa.

Dá um grito. Põe as mãos na boca para abafar o barulho.

O caroço, maior do que quando havia o visto pela última vez, palpitava como um coração batendo e brilhava de uma cor rosa fluorescente.

Apareciam agora, veias suntuosas da mesma cor, que saiam do caroço e entornavam a barriga por inteiro.

Laura passa a mão pelas veias e sente que estão saltadas, pulsando.

INSERT: V.O

*Que textura estranha! Não sinto a sensação de tocar meu próprio corpo. Parece que estou tocando alguma coisa qualquer, fora dos limites da minha própria pele. Isso não é meu.*

Desesperada perante tal situação começa a pular, balançando as mãos no ar rapidamente, dando gritos acalantados e agonizantes, para não chamar a atenção dos vizinhos.

LAURA

Ai meu Deus! O Que eu faço?! Que merda eu faço?!

Até que para por alguns segundos e segue à cozinha.

CENA 16 - INT. COZINHA - NOITE

Laura abre uma gaveta e alcança uma faca. Segue novamente em direção ao banheiro.

CENA 17 - INT. BANHEIRO - NOITE

Laura aparenta estar com um aspecto de maluca. Desajeitada, com os olhos visivelmente cansados, a roupa manchada de urina e uma faca nas mãos.

Laura enfia a ponta da faca devagar no caroço fluorescente. O objeto vai penetrando aos poucos. Mais e mais, cada vez mais.

Põe a camisa dentro da boca para evitar o barulho de seus gritos.

Começa a ficar apavorada, quando vê que a faca entrou quase que totalmente dentro da protuberância.

Subitamente, a faca submerge, sumindo totalmente da vista dela. Completamente em choque, ela desmaia.

CENA 18 - INT. QUARTO - DIA

Laura acorda. Está em sua cama.

Sua expressão denota um ar de quem está pensando em algo.

INSERT: FLASHBACK - RÁPIDOS FRAGMENTOS DOS ACONTECIMENTOS DA MADRUGADA

Até que levanta-se em um pulo e rapidamente corre em direção ao banheiro.

CENA 19 - INT. BANHEIRO - DIA

Tira a blusa e quando olha para sua barriga, não havia nenhum aspecto estranho e anormal.

Aproxima-se do espelho e diante do reflexo, percebe que há uma pequena cicatriz ao lado do umbigo.

Olha mais criteriosamente para a própria barriga, mas novamente não vê nada.

Novamente, observa-se diante do reflexo do espelho e vê a cicatriz.

Olha mais uma vez para própria barriga e nada aparece.

CENA 20 - INT. SALA DE CONSULTA - DIA

MÉDICO

Bem, creio que não responderei a resposta que procura. Mas, no entanto, uma coisa curiosa apareceu em um de seus exames.

MÉDICO

(gesticula com dificuldade)

Bem... É... Não sei como dizer isso, mas... No raio X que você insistiu em tirar, apareceu uma faca alojada dentro de sua barriga.